GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE: UM ESTUDO CRÍTICO DO DISCURSO

GÉNERO Y SEXUALIDAD EN LA FORMACIÓN DOCENTE: UN ESTUDIO CRÍTICO DEL DISCURSO

Márcio Evaristo Beltrão[176]
Solange Maria de Barros[177]

RESUMO: Neste trabalho, propomos analisar, por meio da categoria de significado representacional do discurso e da transitividade dos processos, enunciados (discursos) proferidos por um docente da rede estadual de ensino de Mato Grosso e um mecânico heterossexual que, em alguns contextos sociais, performa o gênero feminino, ambos da cidade de Cocalinho (MT). O objetivo da análise é identificar quais discursos dialogam nas instâncias discursivas dos dois participantes acerca de questões relacionadas a gênero e sexualidade, além de compreender em que medida a reflexão crítica, em cursos de formação continuada, contribui para a desestabilização de percepções de mundo naturalizadas. Para coletar os dados, foram utilizadas gravações de entrevistas semiestruturadas e a técnica de observação participante durante um curso de formação continuada sobre diversidades. Como instrumento metodológico, são utilizadas a Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 2003a), por meio da categoria analítica interdiscursividade, e a Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004), por meio da transitividade dos processos presentes nas instâncias discursivas dos participantes da pesquisa. Os resultados obtidos apontam que o curso sobre diversidades contribuiu para desestabilizar posicionamentos legitimados do docente participante da pesquisa, relacionados à identidade sexual e de gênero. Verificamos que a interação com um indivíduo que não segue o que é legitimado na concepção heteronormativa contribuiu para que professor refletisse sobre questões de gênero e sexualidade. Em relação aos enunciados proferidos pelo mecânico, observamos um posicionamento emancipado dele, pois, apesar de viver em um contexto social que contribui para que suas performances de gênero sejam reprimidas, permite-se utilizar as roupas que deseja independente dos comentários alheios.

Palavras-chave: Gênero e sexualidade; Análise Crítica do Discurso; Formação crítico-reflexiva.

176 Doutorando do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso. Área de concentração: Estudos Linguísticos. E-mail: marcioevaristobeltrao@hotmail.com

177 Professora titular do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso. Área de concentração: Estudos Linguísticos. E-mail: solbip@yahoo.com.br

RESUMEN: En este trabajo, proponemos analizar, por medio de la categoría del significado representacional del discurso y de la transitividad de los procesos, enunciados (discurso) proferidos por un docente de la red estadual de la enseñanza de Mato Grosso y un mecánico heterosexual que, en algunos contextos sociales, desempeña el género femenino, ambos de la ciudad de Cocalinho (MT). El objetivo del análisis es identificar cuales discursos dialogan en las instancias discursivas de los dos participantes acerca de cuestiones relacionadas al género y sexualidad, además de comprender en qué medida la reflexión crítica, en cursos de formación continuada, contribuye para la desestabilización de percepciones de mundo naturalizadas. Para recolectar los datos, fueran utilizadas grabaciones de entrevistas semiestructuradas y la técnica de observación participante durante un curso de formación continuada sobre diversidades. Como instrumento metodológico, son utilizados el análisis crítica del discurso (FAIRCLOUGH, 2003a), por medio de la categoría analítica interdiscursividad, y la lingüística sistémico funcional (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004), por medio de la transitividad de los procesos presentes en las instancias discursivas de los participantes de la pesquisa. Los resultados obtenidos apuntan que el curso sobre diversidades contribuye para desestabilizar posicionamientos legitimados del docente participante de la pesquisa, relacionados a la identidad sexual y de género. Verificamos que la interacción con un individuo que no sigue lo que es legitimado en la concepción heteronorma contribuye para que profesor reflexionase sobre cuestiones de género y sexualidad. En relación a los enunciados proferidos por el mecánico, observamos un posicionamiento emancipado de él, pues, a pesar de vivir en un contexto social que contribuye para que sus desempeños de género sean reprimidos, se permite utilizar ropas que desea independiente de los comentarios ajenos.

Palabras claves: Género y Sexualidad; Análisis Crítica del Discurso; Formación Critico reflexivo.

INTRODUÇÃO

Este artigo propõe analisar os enunciados de um docente da rede pública de ensino do Estado de Mato Grosso acerca de questões relacionadas a gênero e sexualidade e de um mecânico heterossexual do gênero feminino, ambos da cidade de Cocalinho (MT). O objetivo do trabalho é identificar quais discursos dialogam em suas práticas discursivas por meio do arcabouço teórico da Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 2003a) e da Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday (1994). Os dados foram coletados durante um curso de formação contínua sobre diversidades e em entrevistas semiestruturadas realizadas ao fim dele. Tanto as 20 aulas desse curso quando as entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas.

Este trabalho está dividido em seis seções. Inicialmente, apresentamos breves considerações acerca de gênero e sexualidade. Em seguida, tecemos considerações sobre a abordagem teórica da análise crítica do discurso e da linguística sistêmico-funcional. Na seção seguinte, discorremos sobre a reflexão na prática docente. Expomos a contextualização da pesquisa, a análise de dados e, por fim, as considerações finais.

GÊNERO E SEXUALIDADE

A diferenciação entre os conceitos de sexo, gênero e sexualidade é objeto de debate constante. Louro (1997) argumenta que foi por meio das feministas anglo-saxãs que o termo *gender* passou a ser utilizado como distinto do termo *sex*, servindo não apenas como instrumento de análise, mas também como uma ferramenta política, visando rejeitar o determinismo biológico implícito no uso do termo sexo. Contudo, a autora ressalta que isso não significa uma negação da constituição do gênero sobre corpos sexuados, ou seja, a biologia não é negada, mas ocorre uma ênfase na construção social e histórica produzida sobre as características biológicas. Dessa forma, o gênero é tratado como um dos elementos que constitui as identidades dos sujeitos, que a autora define como plurais, múltiplas, contraditórias e que se transformam por meio de nossas práticas sociais.

Com o aparato teórico de Connel (1995), Louro (1997) argumenta que, na compreensão de gênero, a prática social se direciona aos corpos. Nessa perspectiva, gênero é o modo como as características sexuais são compreendidas, representadas ou trazidas para a prática social, tornando parte do processo histórico. Para a autora, é por meio das relações sociais que os gêneros são construídos e, através dessas relações, ocorrem desigualdades sociais entre os gêneros que são justificadas não devido às diferenças biológicas, mas aos arranjos sociais, às condições de acesso aos recursos da sociedade e às formas de representação.

A maioria dos discursos sobre gênero incluem as questões de sexualidade de alguma forma (LOURO, 1997). Foucault ([1977] 1994) conceitua sexualidade como um dispositivo que "fala" a verdade sobre o sujeito e o sexo como algo relativo à sua esfera privada. O autor considera a sexualidade como uma "invenção social", por se constituir dos múltiplos discursos acerca do sexo que regulam, normalizam e instauram "verdades" universais sobre ele.

Por meio dos estudos *queer*, Louro (2000b) analisa historicamente como se proliferaram os discursos sobre sexualidade e a necessidade da distinção entre homossexualidade e heterossexualidade. Para a autora (2001), a palavra *queer* significa excêntrico, peculiar, estranho e também é utilizada como uma expressão pejorativa para se referir às pessoas LGBT.[178] O termo é assumido por grupos LGBT como forma de caracterizar a perspectiva deles de oposição e de contestação, com o pressuposto de que ser *queer* é se colocar contra a normalização. Ao utilizar uma injúria (*queer*) direcionada às/aos LGBT para denominar uma corrente de reflexão, as/os teóricas/os *queer* ressignificam um pensamento radical sobre a sexualidade (MISKOLCI, 2014).

A partir da segunda metade do século XIX, a norma heterossexual foi produzida, reiterada e tornada compulsória por meio das proclamações de diversos grupos sociais (médicos, pensadores, moralistas). Essa norma, que toma a heterossexualidade como

178 LGBT (ou LGBTTTs) é a sigla de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros e simpatizantes. Inicialmente, o termo mais comum era GLS; porém, com o crescimento do movimento contra a LGBTfobia e a livre expressão sexual, a sigla foi alterada para GLBT. Posteriormente, foi alterada para LGBT, posicionando a letra L para o início da sigla com o intuito de dar maior visibilidade às mulheres homossexuais. Por ser o termo atual oficialmente utilizado no Brasil (FACCHINI, 2009), utilizarei LGBT para me referir ao grupo de pessoas com orientações sexuais minoritárias e manifestações de identidades de gênero divergentes do convencionado ao sexo designado no nascimento.

universal e os discursos que descrevem a homossexualidade como situação desviante, foi denominada posteriormente pelo teórico americano Michael Warner (1993) como *heteronormatividade*.

Na próxima seção, faremos uma breve discussão sobre a Análise Crítica do Discurso e a Linguística Sistêmico-Funcional, com ênfase nos significados do discurso propostos por Fairclough (2003).

ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

O foco principal da ACD faircloughiana é a mudança social a partir da discursiva, considerando que ambas se implicam mutuamente. Além disso, propõe-se discutir e problematizar os aspectos considerados opacos dos discursos no que tange às desigualdades sociais, o que destaca seu caráter emancipador.

Fairclough (2003) argumenta que o termo discurso pode ser compreendido em concepções diferentes, no singular e no plural. No primeiro, "discurso" é tido como um substantivo abstrato, visto como um elemento das práticas sociais. Em uma perspectiva mais concreta, tratado como um substantivo contável e com base nos conceitos foucaultianos, o termo discurso é utilizado para se referir aos modos diferentes de significar e de estruturar áreas do conhecimento e práticas sociais a partir de uma perspectiva particular (FAIRCLOUGH, 2003), como o discurso médico, o discurso feminista e o discurso midiático.

No tópico a seguir, explanamos acerca dos significados do discurso conforme propõe Fairclough (2003).

SIGNIFICADOS DO DISCURSO

Para Fairclough (2003), o discurso figura por meio de três formas como parte das práticas sociais, denominadas como *significados acionais, representacionais e identificacionais*. Cada um desses significados corresponde a um modo de interação entre discurso e prática social (modos de agir, de ser e de representar) e também a um elemento que compõe as ordens do discurso (gêneros, discursos e estilos).

Segundo Fairclough (2003a), é por meio de formas discursivas e/ou não discursivas que os agentes sociais agem em eventos sociais e esse modo de agir e interagir socialmente em um aspecto discursivo é denominado de gênero. Através do *significado acional*, podemos analisar como os significados estão servindo para uma determinada ação, por meio de textos e de sua localização e realização em eventos, práticas e estruturas sociais.

O significado representacional de textos é o que se relaciona com discurso sendo tratado, segundo Fairclough (2003a), como uma forma particular de representar alguma parte do mundo, que pode ser observado, identificado e nomeado por meio de análises, como o discurso neoliberal e o discurso machista. A interdiscursividade é uma das categorias de análise do significado representacional. Por meio dela, é possível observar que um mesmo fato pode ser apresentado por meio de diferentes discursos, em uma relação dialógica que pode ser de harmonia ou de contradição, de cooperação ou antagonismo. O vocabulário é considerado o mais evidente dos traços para diferenciar

discursos, pois, segundo Resende e Ramalho (2006), os diferentes discursos lexicalizam o mundo de formas diferentes.

O terceiro significado apresentado por Fairclough (2003a) relaciona-se aos aspectos discursivos dos modos de ser (estilos), juntamente aos procedimentos de identificação no texto, que ocorrem não apenas linguisticamente, mas também por meio de uma relação dialética entre discurso e prática social. As constantes mudanças na sociedade contemporânea têm provocado alterações nas identidades dos agentes sociais, que favorecem um desenvolvimento de autopercepção identitária (GIDDENS, 1991; 2002), coexistindo com a fragmentação das identidades (HALL, 1999; MOITA LOPES, 2002).

A Linguística Sistêmico-Funcional contribuirá na análise dos dados apresentados nesse artigo por meio da identificação dos processos de transitividade selecionados pelos autores dos enunciados. Dessa forma, são apresentados conceitos relacionados à LSF na próxima seção deste trabalho.

LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

A Linguística sistêmico-funcional (doravante LSF) (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004) é considerada um sistema de significados, ou seja, um sistema que apresenta os padrões semânticos que surgem devido às necessidades dos falantes de interpretar a experiência humana, pensando e agindo com a língua. Nessa perspectiva, a linguagem é social, pois ela só ocorre se estiver imbricada na sociedade.

Para a LSF, os componentes principais do significado na língua são componentes funcionais. Sua principal preocupação é compreender e descrever a linguagem como um sistema de comunicação humana. Nessa perspectiva, duas possibilidades alternativas organizam a língua: a cadeia (o sintagma) e a escolha (o paradigma). É importante ressaltar que o termo *sistêmica* relaciona-se às redes de sistemas da linguagem e o termo *funcional* refere-se às funções da linguagem que produzem significados.

A LSF se associa a três metafunções: *interpessoa*l, *ideacional* e *textual*, que ocorrem de forma simultânea nos textos. Devido a elas, identificamos como o discurso é organizado. Para Papa (2008), essas três metafunções fornecem explicações do uso da língua partindo das necessidades e dos propósitos do falante em determinados contextos de situação.

A metafunção *interpessoal* é a característica que a linguagem tem de estabelecer trocas e relações entre interlocutor e receptor, cujos papéis são definidos por meio da interação. Por sua vez, a metafunção *ideacional* se relaciona com a possibilidade que a linguagem oferece de falar sobre o mundo, transmitindo e expressando ideias. Por fim, a função *textual* relaciona-se à variável de registro (Modo) e se expressa por meio da ordem dos constituintes da oração, atribuindo significado à mensagem.

Em *Analysing discourse* (2003a), Fairclough propõe uma articulação entre essas três metafunções e os conceitos de gênero, discurso e estilo. Para o autor, o significado acional aproxima-se da função interpessoal e incorpora a função textual; o significado representacional corresponde à função ideacional e o significado identificacional incorpora traços da função interpessoal. Esses significados podem ser encontrados de forma simultânea em textos, pois estão dialeticamente relacionados, ou seja, cada um internaliza o outro.

A LSF também aborda a transitividade. Para Cunha e Souza (2011), no arcabouço dos estudos gramaticais, a transitividade refere-se ao grau de completitude sintático-semântico de itens lexicais empregados linguisticamente em eventos. As autoras definem o termo como um fenômeno gramatical complexo que envolve aspectos morfossintáticos e semântico-pragmáticos.

Para a LSF, a transitividade é entendida como a categoria gramatical que se refere à metafunção ideacional (HALLIDAY, 1994). Na compreensão em que a experiência humana é tratada como um fluxo de eventos ou acontecimentos, a transitividade é a responsável pela materialização dessas atividades por meio dos processos (CUNHA e SOUZA, 2011).

Os principais papéis da transitividade ocorrem por meio dos processos (verbos), participantes (substantivos) e circunstâncias (advérbios). No sistema da transitividade, existem três processos principais (materiais, mentais e relacionais) e três processos secundários (comportamentais, verbais e existenciais).

Neste trabalho, a LSF dará suporte à identificação de alguns elementos lexicais considerados relevantes para a pesquisa, como os processos utilizados pelos dois entrevistados para expor suas crenças, posicionamentos e visões de mundo, sobre questões de gênero, sexualidade e preconceito.

FORMAÇÃO CRÍTICO-REFLEXIVA DE PROFESSORAS/ES

Para Pennycook (1998), ensinar de forma crítica é romper com o positivismo e estruturalismo do conteúdo ministrado e buscar explorar seu caráter histórico, político e cultural. Devido a sua preposição da reflexividade fundamentada no processo reflexão-ação-reflexão, que visa à formação da consciência política, o teórico brasileiro Paulo Freire é considerado um dos precursores do ensino crítico. O autor afirma que a "capacidade de agir e refletir é a condição primeira para que os sujeitos assumam atitudes comprometidas com a transformação" (FREIRE, 2002, p. 17). O autor defende que a reflexão do sujeito sobre si, sobre o seu estar e suas ações sobre o mundo permitem ultrapassar limites que muitas vezes lhe são impostos, adotando, então, ações políticas.

Serum profissional autônomo é o primeiro atributo para que um/a educador/a se torne crítico-reflexivo/a, pois a consciência política e a abertura para a reflexão em relação a pensamentos e posições tidos até então como naturalizados e legitimados são os principais pilares de uma prática docente crítico-reflexiva. Para ter essa postura, ou seja, construir um perfil de "intelectuais transformadores", como quer Henry Giroux (1988), é importante aliar reflexão acadêmica e prática pedagógica. Pennycook (1998) reforça esse pensamento afirmando que é preciso "assumir posturas morais e críticas a fim de tentar melhorar e mudar o mundo estruturado na desigualdade" (PENNYCOOK, 1998, p. 39).

Para Dewey (1933), a reflexão é algo essencial ao ofício docente. Sob a ótica desse autor, o conceito de professor/a reflexivo/a reconhece a riqueza da experiência dos profissionais excelentes, em que a atribuição de sentido está em suas práticas refletidas na produção e na construção do conhecimento pedagógico e da articulação de saberes.

Segundo Contreras (2002), a reflexão não é capaz de abordar várias questões que vão além da sala de aula, pois, apesar do/a docente ter uma responsabilidade primordial no processo de ensino, muitas questões dependem também de fatores políticos educacionais e sociais. Com isso, é necessário que a/o docente se conscientize do lugar que ocupa e da importância que tem na sociedade, se tornando, então, um/a professor/a crítico-reflexivo/a (ALARCÃO, 1996).

Barros (2010; 2015) afirma que a relevância do pensamento social crítico proporcionou reflexões sobre a teoria crítica da sociedade moderna, o que permitiu aos/às educadores/as (de línguas) reflexões sobre o papel do/a docente como agente crítico/a de mudanças na escola e na comunidade escolar, considerando os reais problemas que ocorrem nessa esfera da vida cotidiana.

CONTEXTO DA PESQUISA

Os dados analisados neste trabalho foram coletados em dois momentos: durante um curso de formação continuada sobre diversidades e em entrevistas semiestruturadas realizadas após ele. O curso teve como título "Diversidades e opressões no contexto escolar" e foi iniciado no mês de março de 2015, com um total de quarenta horas. Foi ministrado por um dos pesquisadores, com o apoio da Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso (SEDUC (MT)), por meio do Centro de Formação de Professores de Barra do Garças (MT) (CEFAPRO). Foram um total de vinte encontros divididos em dois semanais de duas horas cada, que ocorreram na Escola Estadual Getúlio Vargas (Cocalinho (MT)), das 17:00h às 19:00h, durante os meses de março, abril e maio de 2015.

Selecionamos para esta análise gravações de uma entrevista semiestruturada com o docente Elvis (nome fictício). O objetivo dessa escolha é verificar possíveis reflexos dos estudos acerca de temas como homossexualidade e homofobia, assim como, perceber quais discursos prevalecem em sua fala, por meio da categoria interdiscursividade do significado representacional do discurso (FAIRCLOUGH, 2003a). Elvis é graduado em Pedagogia, tem quarenta anos e é professor de reforço dos/as alunos/as com dificuldade de aprendizagem do Ensino Fundamental (segunda fase). É católico, casado com uma mulher — também professora pedagoga — e tem três filhos.

Durante a discussão acerca de gênero e sexualidade nos encontros do curso, os/as professores/as comentaram sobre um morador de Cocalinho (MT) conhecido como Pintado. Ele é heterossexual, casado, tem dois filhos, trabalha de mecânico e costuma usar trajes femininos em passeios noturnos com sua família. Após o término do curso de formação continuada, realizamos uma breve entrevista semiestruturada com esse mecânico. Procuramos analisar quais discursos prevalecem em seus enunciados ao falar sobre gênero, homossexualidade e homofobia.

ANÁLISE DE DADOS

Durante os encontros em que os/as professores/as participantes do curso debatiam sobre o texto "Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista" (LOURO, 1997), era recorrente os/as docentes citarem o mecânico Pintado. Enquanto alguns/as comentaram que não compreendiam o porquê de ele se vestir com roupas

femininas, pois isso poderia gerar constrangimento para a sua esposa, filhos e familiares, outros — em menor número — argumentavam que não viam problema nisso. Em um determinado momento, Elvis fez o seguinte comentário:

> **RECORTE 01**
>
> Eu procuro **entender** o que leva um homem a se vestir de mulher ou a ser gay, sabe? Mas isso não afeta o caráter dele de forma alguma. Acredito que muito tem a ver com o psicológico, é... Com algum trauma que o cara teve para ele **querer ser** uma mulher ou algo assim, porque não é normal. Só que isso não interfere no caráter da pessoa, entende? Por isso eu **acho** que não deve ter preconceito porque devemos **ver** o caráter de cada um e não o que a pessoa usa ou faz.

Para Halliday (1994), os processos mentais são aqueles que demonstram as crenças, desejos e valores dos autores. Eles são utilizados para expressar as experiências de sentir, a cognição e a afeição do Experienciador (o participante consciente que experimenta um sentir) sobre o Fenômeno (fato que é sentido, percebido ou compreendido). No recorte 01, o professor Elvis utiliza diferentes processos mentais ("entender", "querer", "ver") para expor suas crenças sobre gênero e seus desejos acerca do tratamento que as pessoas que fogem do padrão heteronormativo devem receber.

No recorte supracitado, o Experienciador Elvis (apresentado em seu enunciado por meio do pronome "Eu") utiliza os processos mentais de cognição "procuro" e "entender", que são escolhas no sistema paradigmático da língua para expor a busca do falante em compreender o que leva um homem heterossexual ser do gênero feminino. As estruturas "se vestir de mulher" e "ser gay", situadas após os processos principais do enunciado, se caracterizam como o Fenômeno, ou seja, aquilo que o Experienciador tenta compreender.

Observa-se que Elvis relaciona gênero e sexualidade com o caráter do ser humano, por meio da estrutura "não afeta o caráter dele de forma alguma". Em seu enunciado, percebe-se a presença de uma crença que constitui suas práticas sociais: a busca pelo respeito do indivíduo independente de seu gênero e sua sexualidade.

Ele ressalta essa sua maneira de lidar com o outro por meio do modalizador "devemos" e o processo mental de percepção "ver", ao afirmar "devemos ver o caráter de cada um". Ao utilizar os processos na primeira pessoa do plural, Elvis aponta que seu desejo seja algo social, realizado por todos os indivíduos, inclusive por ele.

Outra crença expressa na fala do professor é a relação do gênero de um indivíduo com possíveis traumas que o mesmo pode ter sofrido em algum momento de sua vida. Para isso, ele utiliza expressão modalizadora "acredito" com o enunciado "com algum trauma que o cara teve". Para Borges (2009), embora não façam parte da história de vida de todas as pessoas LGBT, experiências de abusos sexuais na infância costumam ser um fator importante no desenvolvimento de ordem sexual e afetiva. Todavia, Borges ressalta que, apesar do que se costuma afirmar, essas crianças não se tornam homossexuais devido ao abuso, mas são abusadas porque são homossexuais. Nessa perspectiva o problema não está na homossexualidade em si, mas na experiência traumática vivida pelo indivíduo homossexual.

Apesar de demonstrar respeito aos indivíduos independentemente de seus gêneros e sexualidades, evidenciando a importância de levarmos em consideração o caráter

das pessoas, Elvis revela o discurso heteronormativo em sua fala, ao compreender o gênero feminino em um homem como uma anormalidade. Assim, utiliza-se do advérbio de negação "não" com o processo relacional "ser" para dizer que o fato de um homem se vestir de mulher "não é normal".

Para Halliday (1994), os processos relacionais são utilizados para definir, classificar, caracterizar e generalizar visões particulares das experiências vividas. São divididos em processos relacionais atributivos e identificados, com a presença de dois participantes: Portador e Atributo (atributivos) e Característica e Valor (identificados). No enunciado supracitado, o processo relacional "é" se caracteriza como identificador, pois o falante relaciona um significado de anormalidade (Valor) ao fato de um indivíduo "querer ser mulher ou algo assim" (Característica).

O discurso homofóbico não está presente na fala do professor; entretanto, tratar a homossexualidade ou aquilo que foge dos padrões heterossexuais como algo anormal pode contribuir para que discursos heteronormativos se mantenham hegemônicos nas práticas discursivas, culminando em possíveis ações de discriminação.

Esse diálogo conflituoso de discursos presente na fala de Elvis faz parte do posicionamento de muitos docentes em todo o país. Segundo Seffner (2009), a ideia de inclusão das diversidades é quase unânime no discurso pedagógico; entretanto, ela se depara com preconceitos, manifestações de estigma e discriminações contra alunos que demonstram orientação diversa da heterossexual, portadores/as de HIV, dentre tantos outros, por parte dos próprios docentes.

Em relação ao habitante de Cocalinho que é heterossexual e se veste com trajes femininos, conhecido como Pintado, Elvis demonstrou interesse no caso durante as discussões no curso. Ao perceber isso, o professor-formador e pesquisador sugeriu que ele conversasse com esse mecânico e o conhecesse melhor. Como Elvis ressaltou que não compreendia o porquê de Pintado, apesar de ser heterossexual, se vestir com roupas femininas, consideramos relevante realizar um diálogo com Pintado, uma vez que poderia ajudá-lo a entender melhor os conceitos estudados durante o curso.

Na semana seguinte, Elvis comentou que teve uma longa conversa com Pintado em um bar da cidade. Ele relatou que, a todo instante, seus/suas alunos/as passavam em frente ao estabelecimento e ficavam olhando os dois conversando, demonstrado expressões de surpresa e espanto. Sobre esse encontro, o professor relatou:

> **RECORTE 02**
>
> A visão que eu tive dele é outra porque ele simplesmente só se veste de mulher. Quando você começa a olhar ele por esse olhar diferenciado, é muito interessante. Ele tem uma personalidade que... Se você olhar para ele com olhar diferenciado para ele, você irá perceber algumas coisas que passam despercebidas e que a sociedade não consegue ver devido ao preconceito.

Em sua fala, Elvis expressa a opinião que teve de Pintado, utilizando-se do processo relacional identificador "ser" para afirmar: "a visão que eu tive dele é outra". Nesse enunciado, a Característica a compreensão que o falante tinha de Pintado e o Valor é o termo "outra".

É possível perceber que o falante possuía a crença de que o fato de um homem se vestir com roupas femininas o caracterizava como homossexual, não compreendendo, então, as

distinções de gênero e sexualidade. Com o advérbio "simplesmente", ressalta a condição do mecânico de se vestir dessa forma, mas não sentir atração por outros homens.

Elvis utiliza duas vezes o adjetivo "diferenciado" para qualificar a visão que teve de Pintado após esse encontro. Novamente, o docente utiliza processos mentais de percepção para expor sua apreciação humana. Com o processo mental de percepção "perceber", ele comenta que "algumas coisas passam despercebidas" devido ao preconceito, afirmando, com o modalizador "consegue" e o processo mental de percepção "ver", que esse sentimento opressor impossibilita a sociedade de identificar características em um indivíduo além do que ele aparenta ser. O adjetivo "interessante" expressa a mudança de visão que Elvis começou a ter após esse diálogo.

Percebe-se em toda a fala de Elvis o discurso de percepção das diversidades. O docente demonstra um início de emancipação a partir do momento em que ocorre uma abertura para a sua compreensão sobre diversidades, baseada em princípios de igualdade e respeito. O sujeito prosseguiu seu relato afirmando:

> **RECORTE 03**
>
> Eu **perguntei** muitas coisas para ele e ele respondeu com uma convicção que você **percebe** sinceridade nas palavras dele. Eu falei: você não é hipócrita porque muitas vezes a hipocrisia social esconde muitas coisas, inclusive sua personalidade que é absolutamente normal.

O processo verbal "perguntar" é utilizado pelo sujeito para narrar a conversa que teve com Pintado. Para Halliday e Matthiessen (2004), os processos verbais contribuem para a criação da narrativa, tornando possível estabelecer passagens dialógicas tanto em narrativas escritas quanto em relatos orais, como ocorreu nos dados analisados neste trabalho.

Por meio do processo mental de percepção "perceber", ele relata que tomou como verdadeiras as respostas recebidas do mecânico, pois afirma que ele "respondeu com convicção". O sujeito fez uma análise sobre a personalidade de Pintando ao afirmar "você não é hipócrita", justificando que a "hipocrisia social esconde muitas coisas". Nesse enunciado, o processo relacional selecionado por Elvis é atributivo, pois ele qualifica o Portador Pintado (apresentado por meio do pronome "você") como uma pessoa não hipócrita (Atributo).

Na instância discursiva analisada, é possível perceber um início de reflexão em relação à visão que o falante possuía acerca de homens que se vestem com trajes femininos. Se antes ele afirmava que o fato de um heterossexual vestir roupas femininas ocorria devido a transtornos psicológicos, afirmando que isso "não é normal" (Recorte 01), agora ele expressa visão contrária a esse posicionamento. Novamente, é possível identificar um discurso de percepção das diversidades pautado no respeito.

Na entrevista realizada ao fim do curso, Elvis comentou novamente sobre seu contato com Pintado:

> **RECORTE 04**
>
> Acho ele de uma sabedoria muito grande. Eu jamais me **imaginaria** conversando com alguém assim, sabe? Um cara que se veste daquela forma. Já encontrei com ele outras vezes depois daquele dia e vamos acabar sendo amigos, porque ele **é** um cara muito gente boa. Nunca fui de ter muito papo com gays, mas confesso que as leituras me despertou inclusive curiosidade de conhecê-los mais, buscar ver o outro

> lado, sabe? Como eles conseguem ser felizes mesmo com tanto preconceito. São vencedores para mim.

O modalizador "acho" é utilizado para indicar a opinião do docente sobre Pintado, em que ele afirma considerar o mecânico uma pessoa sábia. Elvis é enfático ao afirmar que não se via tendo contato com alguém como Pintado, que é heterossexual e se veste com roupas femininas.

Por meio do advérbio de negação "jamais" e do processo mental de cognição "imaginar", ele expressa um posicionamento presente em nossa sociedade heteronormativa: o distanciamento das pessoas heterossexuais em relação às homossexuais. O uso do advérbio de negação "jamais" também indica que esse hábito de conversar com pessoas como Pintado não fazia parte da vida do professor.

Borrillo (2009) argumenta que essa postura é um dos fatores que compõem a homofobia. Segundo o pesquisador, ela não é um problema apenas para os homossexuais, mas também para os heterossexuais, pois os impede de terem relações íntimas entre qualquer sexualidade masculina, seja heterossexual ou homossexual. Fatores como competição, medo da fraqueza, controle dos sentimentos constituem elementos modalizadores da forma de ser masculina. Desse modo, o distanciamento em relação aos homossexuais aparece como um dos mais importantes elementos da (auto)construção da masculinidade hegemônica.

O professor afirma que existe a possibilidade de ambos se tornarem amigos, pois considera o mecânico "um cara muito gente boa". Nesse enunciado, ele menciona Pintado por meio da expressão "cara" (Portador) e a visão que possui do mecânico após seu contato com ele por meio da expressão "muito gente boa" (Atributo). Dessa forma, o processo "ser" que antecede essa expressão é considerado relacional atributivo.

Com o advérbio de negação "nunca", o docente enfatiza que não possuía contato com "gays". Todavia, Elvis argumenta que, devido aos textos discutidos durante o curso, sentiu-se motivado a conhecer pessoas homossexuais, ou seja, sentiu-se inspirado a "buscar ver o outro". Pelo o fato do professor apresentar um desejo seu despertado por meio do contato com Pintado, ele selecionou o processo mental de cognição "ver".

O discurso de emancipação está presente na fala do sujeito por ele demonstrar ruptura de uma postura que não se permitia ter ("jamais me imaginaria conversando com alguém assim"). Para Bhaskar (1998), os mecanismos geradores de problemas sociais podem ser removidos e a emancipação deve passar pela transformação dos próprios agentes ou participantes.

A iniciativa de Elvis de procurar o mecânico para conversar, de buscar entendê-lo e de se sentir motivado a ter contato com pessoas homossexuais aponta para a emancipação argumentada por Bhaskar (1998). A mudança de atitude do professor não ficou apenas no plano da consciência, mas houve agentividade, pois o docente convidou o mecânico para uma conversa.

No enunciado, observa-se o discurso de reconhecimento e valorização dos/as homossexuais, pelo fato de o sujeito compreender o preconceito existente contra uma classe inferiorizada socialmente e romper posicionamentos de distanciamento. Junqueira (2009) afirma que, ao propiciarmos novas possibilidades de ver e perceber indivíduos e grupos até então alvo de estereótipos e preconceitos, a desmistificação

de representações torna-se fundamental para a desconstrução de mecanismos de percepção de crenças que legitimam relações de forças extremamente assimétricas.

A iniciativa de Elvis de buscar não apenas compreender Pintado, mas fazer contato com o mesmo, abrindo inclusive possibilidade de construir uma amizade, denota uma desestabilização de pensamentos que o professor possuía em relação aos homossexuais, mesmo o mecânico não sendo um.

O discurso de reconhecimento e valorização da diversidade presente nos enunciados de Elvis pode ensejar novas formulações do que antes era pensado de forma naturalizada, como também novas formas de aprender, de agir, reconhecer, pensar e sentir.

Recentemente, conseguimos realizar uma entrevista com Pintado, a fim de compreender melhor a sua identidade de gênero e sexual. Ao ser questionado sobre qual sexualidade compreende ter, o mecânico concedeu a seguinte resposta:

> **RECORTE 05**
>
> Eu **sou hétero e sempre me considerei**, sabe? Nunca **senti** vontade de ficar com homens e nem nada disso. No colégio, os caras **falavam** que eu era gay e tinha vezes que eu até ficava **pensando** que eu seria mesmo ou bi. Mas, eu **olhava** para os caras e não **sentia** vontade alguma de ficar com eles.
>
> Márcio: E com as garotas? Você sentia atração?
>
> Pintado: Nossa, muito. E não perdia tempo. Se desse bola, eu ficava mesmo.

Em seu enunciado, o mecânico utiliza-se do processo relacional atributivo "ser" para expor sua sexualidade. Ao afirmar "eu sou hetero e sempre me considerei", o uso do advérbio de frequência "sempre" com o processo verbal "considerar" indicam um alto grau de certeza do indivíduo em sua fala, mostrando que ele não possui dúvidas acerca de sua identidade sexual. Ele reforça esse posicionamento no enunciado seguinte, por meio do advérbio de negação "nunca" e o processo mental de percepção "sentir", ao expressar que, em momento algum, se sentiu atraído por alguém do mesmo sexo.

Pintado relata que, durante o período que estudou em um colégio, seus colegas comentavam que ele era homossexual ("os caras falavam que eu era gay"), por meio do processo verbal "falavam". Esse fato fazia com que o mecânico repensasse sua sexualidade. Em sua instância discursiva, é utilizado o processo mental "pensar" para expor esses momentos de reflexão. Contudo, por meio dos processos mentais de percepção "olhar" e "sentir", Pintado afirma que observava os rapazes e não sentia atraído por eles. O uso recorrente de processos mentais no fraseado de Pintado indica uma necessidade dele de expressar desejos que possui acerca do outro ("olhava para os caras e não sentia vontade").

Com o objetivo de compreender melhor a formação de sua sexualidade, questionamos o mecânico se ele sentia atração por garotas. De forma enfática, Pintado afirma que possuía desejos pelo sexo oposto, ao utilizar da interjeição "nossa" e o advérbio de intensidade "muito". O mecânico comenta que, se uma mulher demonstrasse interesse, eles teriam algum relacionamento ("eu ficava mesmo").

Ao analisarmos interdiscursivamente, observamos a presença do discurso de reconhecimento da sexualidade. O mecânico se reconhece como heterossexual por meio de afirmações sem o uso de modalizadores que indicam um baixo ou médio grau de afinidade ("acho", "acredito"). Entretanto, esse discurso dialoga de forma conflituosa com o discurso de bissexualidade. Apesar de ele afirmar que sempre se considerou

heterossexual, o mecânico reconhece que chegou a pensar que era homossexual ou bissexual, devido aos comentários feitos por seus colegas de escola.

Com o objetivo de dialogar sobre o gênero do mecânico, questionamos Pintado sobre a época em que começou a vestir trajes femininos.

RECORTE 06

Foi quando vesti uma roupa da minha mãe. Estava na sexta série. Eu achava massa ficar de vestido dentro de casa. Minha mãe não se importava. Quando virei adulto, decidi usar para sair a noite. Me sinto bem, gosto disso, sabe? Minha esposa me conheceu assim e ela também não se importa. É eu. Faz parte do que eu sou.

Por meio do processo material "vestir", Pintado relata um costume que iniciou em sua infância, quando ele começou a vestir roupas de sua mãe. Para Halliday (1994), os processos materiais externam uma ação presente que envolve, pelo menos, um Ator (participante). Nesse caso, o mecânico é o Ator realiza uma ação observável ("vesti uma roupa da minha mãe").

Pintado prossegue seu relato utilizando processos materiais para indicar ações que realizava nessa etapa de sua vida e que influenciaram a construção de sua identidade sexual e de gênero. O processo material "usar" é selecionado pelo mecânico para expressar a sua mudança de atitude na fase adulta, quando começou a se vestir com trajes femininos não apenas em seu lar, mas também em ambientes externos.

Os processos mentais de percepção "sentir" e de afeição "gostar", com o termo "bem", presentes em seu relato apontam para uma satisfação do mecânico com a prática de usar trajes femininos. Pintado comenta que sua esposa, assim como sua mãe, não se importa de ver o marido utilizando tais roupas. O mecânico é enfático ao afirmar que essa característica integra sua identidade (de gênero): "faz parte do que eu sou". Nesse fraseado, o processo relacional "ser" possui função atributiva por qualificar o Portador com uma característica específica.

Em seu relato, Pintado prossegue com o discurso de reconhecimento de sua identidade de gênero. Com base nos estudos queer, é possível observar que o fato de Pintado utilizar roupas femininas durante muitos anos contribuiu para a formação de sua identidade de gênero. Butler (1993) sugere que o gênero é uma construção social, histórica e contingente. Dessa forma, as experiências de um indivíduo ao longo da sua vida ajudam a constituir o seu gênero que, apesar de estar relacionado à sexualidade do sujeito, não é determinado especificamente por ela. Por isso, um homem heterossexual pode ter também identidade de gênero feminina.

No caso de Pintado, ele performa o gênero feminino e o masculino dependendo do contexto em que está inserido. Quando está trabalhando como mecânico, ele performa o gênero masculino, com roupas convencionadas socialmente como masculinas e, apesar de se considerar do gênero feminino, observa-se que ele utiliza roupas convencionadas como femininas apenas quando sai a noite. Portanto, trata-se de um indivíduo que transita entre dois gêneros.

Sobre a compreensão que possui acerca de seu gênero, Pintado comentou:

RECORTE 07

Eu sei que **sou** do gênero feminino. Me identifico, sabe? **Gosto** de **arrumar** as unhas, **passar** batom, **comprar** meus tamancos (risos). Mas na hora de beijar na boca, fazer

> amor, sou mais homem que a maioria (risos). Vejo que sou heterossexual porque não me interesso sexualmente pelos caras. Minha forma de vestir não define minha sexualidade.

Com o processo relacional atributivo "ser", Pintado reconhece sua identidade de gênero como feminina. Ele justifica tal afirmação por meio do processo do processo mental de afeição "gostar" e dos processos materiais "passar" e "comprar", comentando atos identificados socialmente como femininos: "arrumar as unhas, passar batom, comprar meus tamancos".

O uso da conjunção adversativa "mas" indica uma ressalva em seu enunciado. Pintado comenta que se reconhece como heterossexual, pois, apesar de ser do gênero feminino, ele não possui atração por homens ("não me interesso sexualmente pelos caras").

Ao afirmar que sua forma de se trajar não define a sua sexualidade, Pintado traz em seu enunciado o discurso quer dialogando de forma harmônica com o discurso de emancipação. Por se posicionar de forma contrária a essa norma social, o mecânico demonstra ter um pensamento emancipado, não permitindo que tal compreensão heteronormativa o impeça de se vestir da forma que mais gosta e que o faz se sentir bem.

Em determinado momento da entrevista, o questionamos sobre o preconceito que possa sofrer por se vestir com trajes femininos. Pintado nos concedeu a seguinte resposta:

> RECORTE 08
>
> Eu sempre **sofri** preconceito. Sou preto, pobre e ainda curto vestir que nem mulher. No colégio, isso me incomodava. Hoje, não mais. Se vejo que está passando dos limites, **registro** um B.O. na polícia. Mas hoje em dia quase não enfrento isso, sabe? Acho que a galera daqui já se acostumou. E também porque eu respeito todo mundo, aí acredito que retribuem com respeito também. Desfilei como musa do Araguaia na temporada e todo mundo amou (risos). Minha esposa achou o máximo.

O mecânico utiliza o advérbio de frequência "sempre" e o processo mental "sofrer" para afirmar que o preconceito faz parte de sua rotina. Pintado justifica esse pensamento explicando que integra os grupos sociais considerados marginalizados socialmente devido ao preconceito que sofrem: negros/as, pobres e aqueles/as que desviam da norma heteronormativa. Sobre se incomodar com atos preconceituosos, Pintado comenta que apenas na fase em que estudou em um colégio isso o perturbava.

É possível observar que Pintado não se intimida perante o preconceito que sofre. Por meio do processo material "registrar", o mecânico argumenta que denuncia os agressores por meio de um boletim de ocorrência. Entretanto, Pintado afirma que, atualmente, ele não sofre muito preconceito na cidade em que vive (Cocalinho (MT)), pois acredita que os/as moradores/as do município já se acostumaram com a sua forma de vestir.

É possível identificar o discurso de respeito ao próximo na instância discursiva de Pintado. O mecânico utiliza o modalizador de médio grau de afinidade "acredito" para afirmar que compreende o respeito que recebe como uma retribuição da sua conduta respeitadora.

Pintado comenta sobre ter desfilado no concurso Musa do Araguaia, que ocorre anualmente no mês de julho, em Cocalinho (MT). Apenas mulheres podem se inscrever nesse concurso, porém, Pintado pediu para participar do evento e o prefeito do município aceitou que o mecânico também desfilasse. Esse fato foi noticiado pela imprensa da

região de Barra do Garças (MT) e divulgado em sites de grupos ativistas LGBT. Apesar de não ter sido finalista, os/as moradores/as de Cocalinho demonstraram apoio a Pintado ("todo mundo achou o máximo").

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dos recortes analisados, observamos que a principal desestabilização ocorrida nas práticas discursivas de Elvis foi sobre a sua compreensão de identidade de gênero. É possível perceber que Elvis demonstrou um início de emancipação em seu posicionamento no fim do curso ao buscar interagir com um sujeito considerado "desviando" na norma heteronormativa. Papa (2008) compreende emancipação como libertação, para a qual é necessário empreender trabalho e comprometimento a fim de poder mudar as estruturas sociais. A desestabilização do posicionamento de Elvis em relação às diversidades não esteve presente apenas em suas práticas discursivas, mas também em suas práticas sociais, pois ele buscou interagir com o "desviante".

Acerca do posicionamento emancipado de Pintado, percebe-se que o fato dele viver em um ambiente com familiares (mãe e esposa) que respeitam seu gênero, pode ter contribuído para sua aceitação e reconhecimento como um homem do gênero feminino. Apesar dos colegas de adolescência terem problematizado sua sexualidade, fazendo-o repensá-la, Pintando percebeu durante suas experiências que é heterossexual.

Por meio do curso ministrado, observamos que muitos/as professores/as reproduzem discursos que remetem à homofobia não por serem pessoas homofóbicas, mas por não terem tido a oportunidade de ler, estudar e problematizar questões de gênero e sexualidade. Muitas vezes, para que seja despertado o interesse por parte do/a docente, é importante que aconteça uma motivação externa, como ocorreu com Elvis, que decidiu, após as discussões realizadas nos encontros do curso, ter um diálogo com uma pessoa que não segue o padrão social de identidade de gênero heteronormativo.

Construir práticas de respeito e cidadania frente às diversidades sexuais é algo que não ocorre de forma rápida, mas por meio de constantes reflexões que contribuem para que posicionamentos considerados hegemônicos sejam desestabilizados. Sendo a escola um ambiente de construção da cidadania e de diálogos sobre assuntos sociais que estão presentes na vida de todos/as, avaliamos ser importante e necessário que mais cursos sobre identidades de gênero e sexuais sejam realizados no contexto escolar.

Uma formação docente pautada na compreensão de respeito ao outro, independentemente de sua identidade e permeada pelo sentimento de agentividade social, pode refletir-se em aulas que promovam o respeito às diversidades, não por meio de um trabalho unilateral de conscientização do outro, mas pelo diálogo construído na troca de saberes entre professor e aluno, aluno e aluno e comunidade escolar em geral.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, I. **Formação reflexiva de professores:** estratégias de supervisão. Portugal: Porto , 1996.

BARROS, S. M. Formação crítica do educador de línguas: por uma política emancipatória e de transformação social.In: BARROS, S. M.; ASSIS PETERSON, A. A. (Org.). **Formação de professores de línguas:** desejos e possibilidades. São Carlos: Pedro & João, 2010.

____. **Realismo Crítico e emancipação humana – contribuições ontológicas e epistemológicas para os estudos críticos do discurso**. Campinas: Pontes, 2015.(Coleção: Linguagem e Sociedade, v. 11)

BHASKAR, R. Critical Realism. Essential Readings.In: Archer, M.; Bhaskar, R.; Collier, A.et al. (Eds.). **Centre For Critical Realism**. London: Routledge, 1998.

____. From Science to Emancipation. **Alienation and the Actuality of Enlightenment**. Sage Publications. London: New Delhi, 2002.

BORGES, K. **Terapia afirmativa**: uma introdução à psicologia e à psicoterapia dirigida a gays, lésbicas e bissexuais. São Paulo: GLS, 2009.

BORRILLO, D. A homofobia. In: LIONÇO, T. DINIZ, D. (Org.). **Homofobia e Educação:** um desafio ao silêncio. Brasília: Letras Livres: UNB, 2009.

BUTLER, J. Gender Trouble. **Feminism and the subversion of identity.** New York: Routlegde, 1990.

____. Bodies that Matter. **On the discursive limits of "sex"**. New York, Routledge, 1993.

CONNELL, R. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**, v. 20, n.2, jul.-dez. 1995.

CONTRERAS, J. **Autonomia de professores**. Tradução: Sandra Trabuco Valenzuela, São Paulo. Cortez, 2002.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; SOUZA, Maria Medianeira de. **Transitividade e Seus Contextos de Uso**. São Paulo: Cortez , 2011. (Coleção Leituras Introdutórios em Linguagem, v. 2.)

DEWEY, J. How We Think. **A restatement of the relation of reflective thinking to the educative process**. Boston: D. C. Heath, 1933.

FACCHINI, R. **Entre Compassos e Descompassos:** um olhar para o "campo" e para a "arena" do Movimento LGBT brasileiro. Revista Bagoas, n. 4. Natal: UFRN, 2009, pp. 131-158.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse:** textual analysis for social research. 1.st ed. London: Routledge, 2003a.

FOUCAULT, M. **Le Jeu de Michel Foucault.** Dits et écrits: 1954-1988. Paris: Gallimard, 1994. (v. 3)

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GIDDENS, A. **As Consequências da Modernidade.** São Paulo: : EdUnesp, 1991.

____. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GIROUX, H. A. Teachers as intellectuals. **Toward a critical pedagogy of learning**. Bergin & Garvin, 1988.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold, 1985.

____. **An introduction to functional Grammar**. London: Edward Arnold. 2. ed., 1994.

____. MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Introduction to functional grammar.** 3. ed. London Arnold, 2004.

JUNQUEIRA, R. Educação e Homofobia: o reconhecimento da diversidade sexual para além do multiculturalismo liberal.In: ____. **Diversidade Sexual na Educação:** problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

____. **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, G. L. Teoria Queeruma Política Pós-Identitária para a Educação. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, 2001.

MISKOLCI, R. **Crítica à hegemonia heterossexual**. Revista Cult. Set. 2014. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2014/09/critica-a-hegemonia-heterossexual/>. Acesso em: 29 set. 2016.

MOITA LOPES, L. P. da. Identidades fragmentadas. **A construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

PAPA, S. M. de B. I. Implicações para a prática docente reflexiva. **O Professor Reflexivo em Processo de Mudança na Sala de Aula de Língua Estrangeira:** caminhos para a (auto)emancipação e transformação social. Tese. (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem), LAELPUC/SP, 2005.

____. **Prática pedagógica emancipatória**: O professor reflexivo em processo de mudança. São Carlos (SP): Pedro & João, 2008.

PENNYCOOK, A. A linguística aplicada dos anos noventas: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, I; CAVALCANTI, M. C. (Orgs.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

RESENDE, V. de M.; RAMALHO, V. **Análise do discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

SEFFNER, F. Equívocos e armadilhas na articulação entre diversidade sexual e políticas de inclusão escolar.In: JUNQUEIRA, R. (Org.). **Diversidade sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: MEC/Secad/Unesco, 2009.

WARNER, M. **Fear of a queer planet**. Minneapolis: University of Minnesota, 1993.